



*Montemuro,
um despertar de antanho*

Maria Teresa Dias Peralta Mendes

Coimbra, 2003

Dissertação de Mestrado
em Museologia e Património Cultural

sob orientação do Prof. Doutor José d'Encarnação

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

COIMBRA 2002



Introdução

A noroeste da Beira Alta, ergue-se, timidamente, um pedaço de serra que parece ter-se desprendido quando o Moldador de Paisagens ia arraigar a serra da Estrela. Aconchegou-se entre os rios Paiva e Douro. Mais tarde os Homens experimentaram-na, fixaram-se nela e... chamaram-na de Montemuro.

A configuração do seu relevo não é particularmente acidentada, sendo bem sensível a feição aplanada dos cumes dos montes. No entanto, a vertente sul, xistosa, virada ao rio Paiva, é bastante mais íngreme; na vertente oposta, por onde o rio Douro se desenha entre margens de granito, o acidentado do terreno é menos acentuado. Tanto um rio como o outro acolhem inúmeros afluentes que, por toda a serra, irrigam os campos de cultivo.

O Montemuro é partilhado, quase no seu todo, por três concelhos do distrito de Viseu: Castro Daire, Cinfães e Resende, muito semelhantes no desenvolvimento económico e nas gentes que lhes definem a alma. São essencialmente agrícolas, pontuados por pequenas indústrias que ajudam a sustentar o seu parco desenvolvimento. O investimento na modernidade, que se verifica somente nas sedes de concelho, principiou há poucos anos e o caminho que ainda há a percorrer é longo. Às povoações serranas pouco foi dado. Fizeram-se algumas estradas, que pecam por falta de manutenção, instalou-se a luz eléctrica, o saneamento básico – e, mesmo assim, ainda não chegaram a todos os lares – e pouco, pouquíssimo mais.

A serra do Montemuro é uma região de grandes espaços abertos onde ainda é possível o contacto directo com a Natureza em estado quase selvagem. A terra não permite certas inovações

e a agricultura pouco vai além da subsistência. O gado percorre as ruelas do povo em passo lento e bonacheirão, chocalhando sinetas e guizos indo pastar nos lameiros, recordando aos transeuntes outras eras fixadas em pinturas de grandes mestres.

Ultimamente bastante mal tratada por factores que lhe são alheios, a sua caracterização e valor cultural merecem, urgentemente, que nela se atente e que se desenvolvam esforços concertados para a sua preservação, sem olvidar a necessidade premente de progresso que carece. A riqueza local está completamente desaproveitada.

As aldeias que se inscrevem nos três concelhos são nitidamente rústicas, bucólicas. Os pequenos aglomerados distribuem-se pelas vertentes da serra até quase ao seu ponto mais elevado, como ramalhetes de flores bordados num imenso pano castanho e verde. Povoações típicas de montanha, abrigam habitações seculares de granito e xisto cobertas a colmo, telha velha e lajes de ardósia.

As suas gentes vivem do que a terra lhes permite, em permanente esforço para a vencer, adaptando-se à sua agressividade como as águas ao leito por onde correm. Essencialmente agricultores e pastores, são gente amável e simpática. Trabalhadores de *sol a sol*, granjeiam os campos capazes de produzir. Nas imediações da povoação, cultivam os bens essenciais e, nos terrenos mais afastados, os cereais crescem viçosos deixando-se embalar suavemente pela brisa permanente. Terra e gente vivem em perfeita harmonia.

O clima é implacável, mas os Homens, imbuídos do *saber de experiência feito*, conseguem sobreviver e manter uma condição de vida razoável, que tende para o difícil à medida que o progresso avança.

Este povo, de longas tradições rurais que recuam à formação da nacionalidade, orgulhoso da sua forma honrada de viver e da sua corajosa forma de estar na vida, criou estruturas que lhe permitiu enfrentar as adversidades naturais e ultrapassar a indiferença dos homens que têm o

destino da Nação em suas mãos. Vive um pouco à margem das grandes questões políticas e dos males que assolam a sociedade moderna. O seu mundo é um reino especial onde ainda vigora a amizade e a interajuda. É senhor de um vasto Património Cultural, cimentado em longos anos de experimentação. Foi este manancial de saberes, legado de geração em geração, o esteio da sua sobrevivência ora ameaçado pela investida do progresso na sua forma mais negativa: destruir para reconstruir; esquecendo, sem respeitar.

Os povoados montemuranos merecem a sua quota parte de felicidade e de atenção de modo a que não feneçam. A incompatibilidade de algumas construções, a destruição da Natureza, o esquecimento de costumes e tradições e o despovoamento da região estão a mudar a face da serra.

Preservar este modo de vida sem aviltar a paisagem circundante seria uma atitude de grande sensatez, um exemplo de conservação e de evolução que as sociedades modernas devem revelar. Os ensinamentos do passado devem servir no presente, para se construir um futuro mais justo e harmonioso, onde as relações humanas e as preocupações ecológicas se devem sobrepor a todas as outras. Negar o passado é negar as suas próprias raízes.

Os conhecimentos das valorosas gentes desta mui grande, generosa e agreste serra do Montemuro merecem ser preservados, mais que não seja como exemplo da tenacidade humana frente à agressividade da Natureza.

Visando a preservação desta perfeita harmonia ecológica e numa tentativa de revelar todo um património cultural vasto – artesanato diverso e riquíssimo, gastronomia, trajes, cancionero, arquitectura, tradições... – quisemos apresentar esta dissertação na certeza de que muito ficará por registar.

Como resultado de pesquisas bibliográficas e privilegiando, essencialmente, o contacto directo com as pessoas, foi-nos possível recolher e testemunhar aspectos do seu quotidiano, as suas dificuldades, as suas aspirações e receios e passá-los a papel.

O produto coligido será organizado em três capítulos: inicialmente, abordaremos a serra, no seu aspecto físico; depois, demoramo-nos nas gentes; no trecho final, certificamo-nos de quão frágeis são os testemunhos do Património Cultural serrano e da urgência que carece a sua preservação/revitalização.

Sentimos o seu apelo e descobrimos fragas e rochedos, águas, flores e bichos que poderão ainda encontrar aqui uma última esperança. Descobrimos História e histórias de vidas amargas tecidas entre espigas e gado, abrigadas em pedra e colmo, registadas em xisto, no ritmo de um mangual, de uma mó, de um maço... gozadas nas eiras. Unimo-nos ao *moiral* na saudade dos rebanhos transumantes e rendemo-nos à beleza de uma “breza” cheia de pão.

Com este testemunho queremos espicaçar curiosidades e, acima de tudo, alertar para a premente necessidade de dinamizar estes espaços, pugnando por manter a fisionomia da serra e das suas gentes.

Como elemento fundamental da dinamização servimo-nos do Património Cultural. A sua utilização como mecanismo para melhorar a qualidade de vida das populações locais e como meio de desenvolvimento global e integrado na realidade e na Natureza circundante, parece ser a melhor via para conservar todo este núcleo cultural sem o desenraizar, conservando-o vivo, harmonizado entre mentes e espaços e disponibilizando-o, de uma forma didáctica e/ou de entretenimento, sem esquecer a sua componente cultural.

Montemuro – uma paixão! A atracção do espaço descomunal e de paisagens inventadas só para nos deleitar. O desejo de ter asas e saltar de encontro ao céu infinito, planar sobre plácidas serranias. Límpido nascer do Sol em tons de sonho pintado!...

Bibliografia

- Actas do colóquio "Montemuro - a última rota da transumância"* Associação da Defesa do Património Arouquense e Escola Superior Agrária de Viseu, Arouca, 2000
- Alarcão, Jorge, *O domínio romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1988
- Borba, Tomás, et al., *Dicionário de Música*, Editora Mário Figueirinhas, 2ª edição, 3ª tiragem, 1996
- Botelho, Abel, *Mulheres da Beira*, Lello e Irmão – Editores, 2ª edição, Porto, 1917
- Brito, Raquel Soeiro de (direcção de) *Portugal perfil geográfico*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994
- Caetano, Paulo, et al., *Portugal ainda*, Editorial Bizâncio, Lda., 1ª edição, Lisboa, Novembro de 2000
- Carvalho, Abílio Pereira de, *Castro Daire - Indústria, Técnica e Cultura*, Edição da Câmara Municipal de Castro Daire 1995
- Cavaco, Carminda, et al., *Renovação das artes tradicionais na serra do Montemuro*, Edição do PAOT, Estudar e Intervir 2, Lisboa, 1994
- Chefe Seattle, et al., *Poema Ecológico*, Edições Itau, 3ª edição, Venda do Pinheiro, 1997
- Correia, Alberto, *Castro Daire, Roteiro Turístico*, Edição da Câmara Municipal de Castro Daire, 1995
- Correia, Alberto, et al., *Castro Daire*, Edição da Câmara Municipal de Castro Daire, 1995
- Dias, Augusto, *Lamego do século XVI, a obra de Rui Fernandes*, Edições «Beira Douro», 1947
- Duarte, Joaquim Correia, *Resende e a sua História*, Câmara Municipal de Resende, 1994
- Encarnação, José d', *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1975

- Fernandes, A. de Almeida, *Dom Egas Moniz de Ribadouro*, Editorial Enciclopédia, Lda. Lisboa, 1946
- Ferreira, António de Brum, *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*, Universidade de Lisboa e Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1978
- Fisher, Gustave – N., *Psicologia Social do Ambiente*, Instituto Piaget, Lisboa, 1994
- Girão, Aristides de Amorim, *Montemuro, a mais desconhecida serra de Portugal*, Coimbra, Coimbra Editora, Lda. 1940
- Jalhay, Eugénio, *Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)*, separata da Revista Brotéria, Vol. LII, Fasc. 1, Lisboa, 1951
- Lima, Rui de Abreu, *Artesanato Tradicional Português, V – Trás-os-Montes e Douro*, edição do autor, Amadora, 1999
- Lucas, António Manuel Rolo, *Análise sócio-cultural: linguagem, fontes e métodos; Pesquisa e acção cultural local, questões de método*, Cadernos “Estudos Contemporâneos”, 3, SEC e Centros de Estudos Humanísticos, Porto, 1995
- Moreira, Luís, *O lobo no nordeste de Trás-os-Montes*, João Azevedo Editor, Mirandela, 1998
- Pereira, Manuel Botelho Ribeiro, *Diálogos Moraes e políticos (séc. XVII)*, Edição da revista “Beira Alta”, Viseu, 1955
- Pereira, Vergílio, *Cancioneiro de Arouca*, Edição da Junta de Província do Douro-Litoral, Porto, 1959
- Pereira, Vergílio, *Cancioneiro de Cinfães*, Edição da Junta de Província do Douro-Litoral, Porto, 1948
- Pereira, Vergílio, *Cancioneiro de Resende*, Edição da Junta de Província do Douro-Litoral, Porto, 1957
- Pignatelli, Inácio Nuno, *O Paiva, ou a Paiva como também lhe chamam*, Edições Afrontamento, Porto, 1998
- Pinho, Luís M. Silva, et al., *Antes de Cinfães da pré-história à idade média*, Câmara Municipal de Cinfães, 2000
- Pinto, Cristina Maria Nabais Pereira, *Arquitectura Popular do Concelho de Cinfães*, Edição da Câmara Municipal de Cinfães, 2000
- Pinto, Joaquim Caetano, *Resende monografia do seu concelho*, Braga, 1982

- Ramos, Anabela, *Violência e Justiça em Terras do Montemuro 1708 - 1820*, Palimage Editores, Viseu, 1998
- Ribeiro, Aquilino, *Geografia Sentimental*, Livraria Bertrand, S.A.R.L., Lisboa, 1951
- Ribeiro, Orlando et al., *Geografia de Portugal, IV. A vida económica e social*, Edições João Sá da Costa, 1ª edição, Lisboa, 1991
- Ribeiro, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Livraria Sá da Costa Editora, 7ª edição, Lisboa, 1998
- Saint-Exupéry, Antoine, *O Príncipezinho*, Editora Caravela, Lda., 13ª edição, Lisboa, s.d.
- Segredos e virtudes das plantas medicinais*, Selecções do Reader's Digest, 1ª edição, Lisboa, 1983
- Silva, Eduardo Jorge da, *Monumento arqueológico de Cinfães – objecto de comunicação em congresso internacional*, Revista Terras de Serpa Pinto, 4, Cinfães, 1993
- Silvestre, Carlos Oliveira, *Crónicas da Serra*, Edição do Grupo Etnográfico da Gralheira, 1999
- Torga, Miguel, *Antologia Poética*, Edições Dom Quixote, 5ª edição, Lisboa, 1999
- Vários autores, *Artesanato da região Norte*, 3ª edição, Porto, 1996
- Vaz, João L. Inês e Luís Raposo (coordenação), *Por Terras de Viriato, Arqueologia da Região de Viseu*, Governo Civil de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, 1ª edição, Viseu, 2000
- Ventura, Jorge, et al., *Etnografia Cinfanense*, Edição da Câmara Municipal de Cinfães, 2000

Índice

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I – A SERRA	7
Um apelo	9
Uma paisagem inolvidável.....	10
Um rio, dois rios... tanta água!.....	14
Uma sinfonia de cores	15
<i>Plantas Endémicas</i>	17
<i>A “senhora” da serra</i>	19
Os “bichos”	23
<i>Volantes</i>	24
<i>Caminhantes infatigáveis</i>	26
<i>O lobo</i>	26
<i>Outros caminhantes</i>	31
Quem semeia ventos, colhe tempestades	34
<i>Programa CORINE</i>	35
<i>Rede Natura 2000</i>	36

CAPÍTULO II – AS GENTES	38
Memórias do passado distante	40
Lendas de pedra	47
Montes de gentes	51
Disfarces de Aldeia	57
<i>Disfarces de granito</i>	60
<i>Disfarces de xisto</i>	62
<i>Zona ribeirinha do Douro</i>	63
<i>Outras construções</i>	67
<i>Os palheiros</i>	67
<i>Canastros ou espigueiros</i>	68
<i>As eiras</i>	70
<i>O moinho</i>	71
<i>O pisão</i>	75
Aldeias em movimento	80
Pastorícia	90
<i>A campanha</i>	94
<i>“Soidades” do último moiral</i>	100

CAPÍTULO III – QUEM GUARDA SEMPRE TEM.....	108
O artesanato	117
<i>Tecelagem de lã, linho e algodão.....</i>	<i>119</i>
<i>Bordados e rendas.....</i>	<i>122</i>
<i>Tapeçaria.....</i>	<i>123</i>
<i>Trapologia</i>	<i>123</i>
<i>Cestaria.....</i>	<i>124</i>
<i>Artefactos em madeira.....</i>	<i>127</i>
<i>Olaria.....</i>	<i>128</i>
<i>Latoaria.....</i>	<i>129</i>
Gastronomia.....	130
O teatro	133
CONCLUSÃO.....	139
BIBLIOGRAFIA	144

